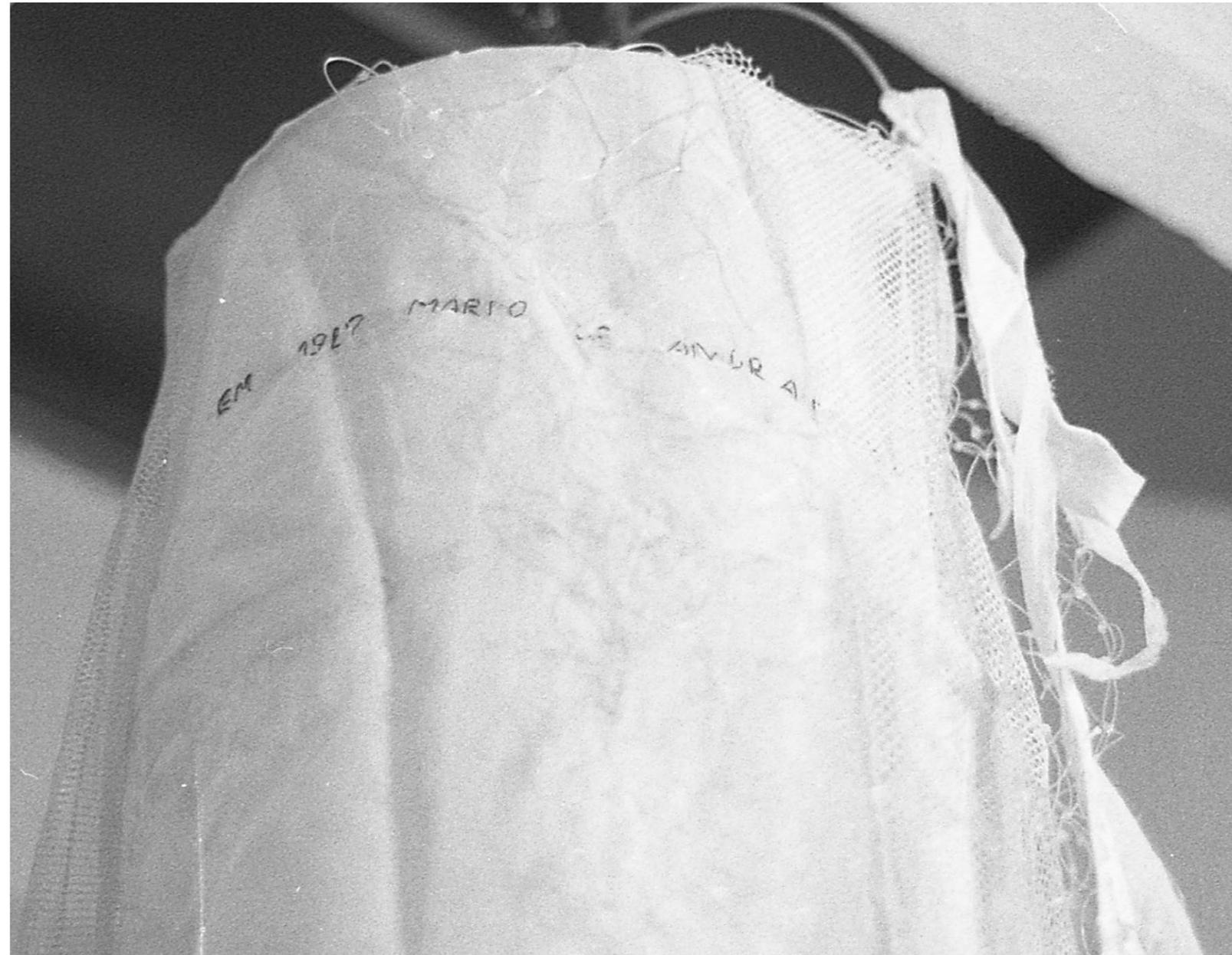
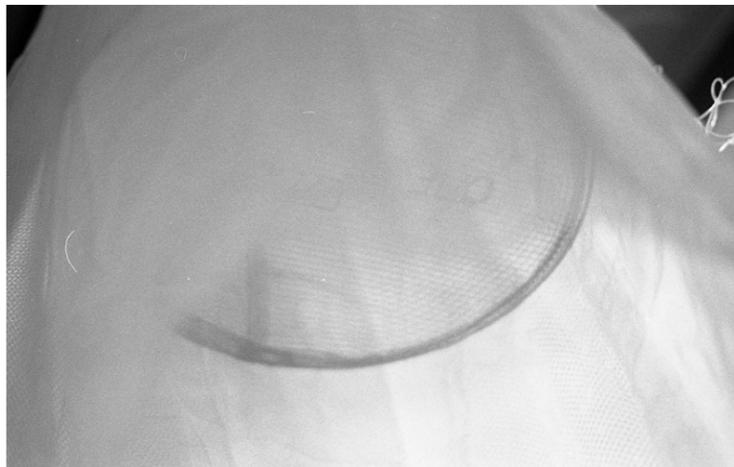
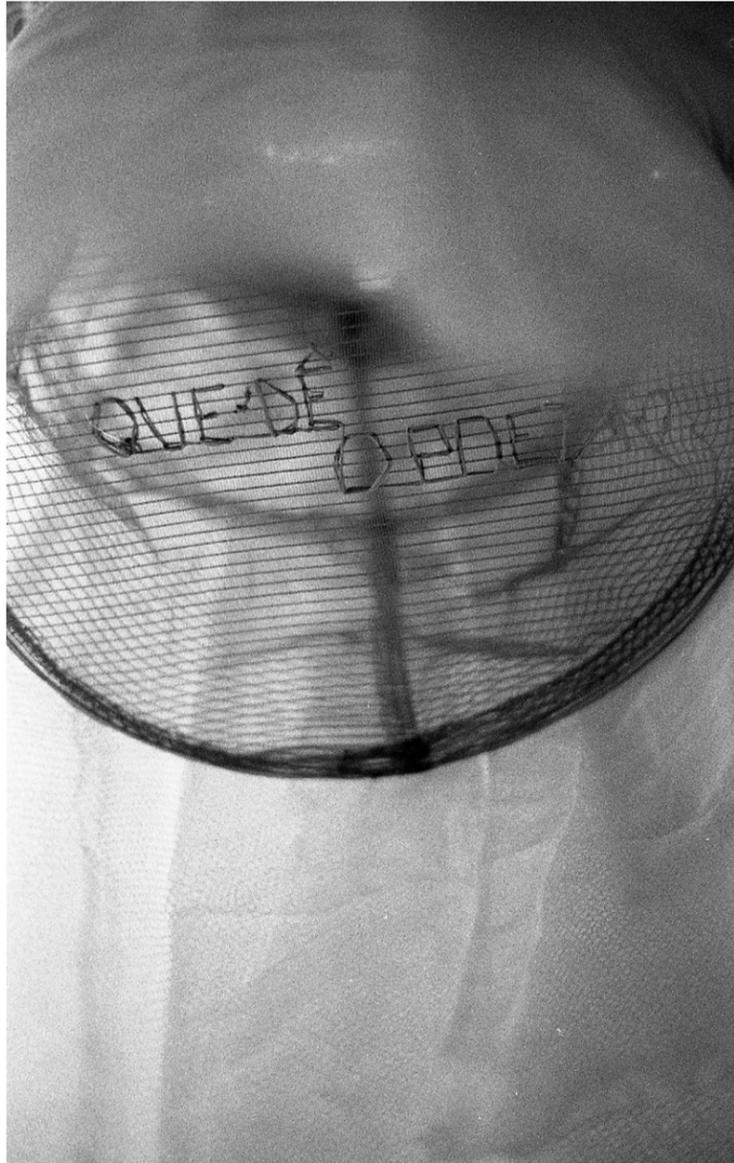


G04
fernanda vaidergorn,
luisa carrasco,
marina schiesari e
victor pacheco



partida
o turista aprendiz,
capturar, viagem
norte e nordeste,
expedição,
cultural,

Como preservar a existência de um mundo?

Em 7 de maio de 1927 Mario de Andrade parte de São Paulo para uma expedição ao Norte e Nordeste do país. Em busca similar aos repercuidos na Semana de Arte Moderna de 1922, o intuito da viagem é entender as diversas facetas culturais que compunham o Brasil. Diferente do evento, a viagem exigiria uma postura de observador e coletor ao invés da, até então conhecida função, de poeta. A primeira etapa se deu majoritariamente na região Norte: "pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega". Esta, de três meses de duração, foi acompanhada pelas figuras conhecidas da aristocracia cafeeira Olivia Guedes Penteado, Margarida Guedes Penteado, e Dulce do Amaral Pinto.

Além de manter os seguidores sudestinos antenados na "descoberta desse novo mundo" pela coluna Turista Aprendiz no Diário Nacional, Mario produziu entre as duas viagens o famigerado livro "Macunaíma: o herói sem nenhum caráter" cuja paisagem imaginada é inspirada na região Norte. A segunda viagem, também de três meses de duração, ocorreu de dezembro de 1928 até fevereiro de 1929, serviu para adentrar a região nordestina. Nesta visita, feita individualmente, encontrou com companheiros músicos, escritores e políticos, viu inúmeras danças folclóricas, engenhos, etc. Se tornou uma viagem crucial para a separação regional e cultural dessas duas regiões, pelos olhos paulistas, cujos valores até então eram marginalizados pelo polo econômico brasileiro.

Durante ambas movimentações manteve a rotina de escrever diariamente pensamentos, percepções e encantos em seu diário, postumamente organizado e publicado O Turista Aprendiz. O formato pessoal, bem-humorado, sem filtros, contraditório, sensível e crítico se torna a plataforma ideal para vislumbrar os costumes, os personagens e as manifestações alheias. A catalogação imaterial possibilitada pela escrita facilitou a empatia e revisitação do leitor à experiência. Aspecto comum ao relatório etnográfico, emprestar a visão do antropólogo para enxergar uma vivência de outro.

Dentre as inúmeras facetas intelectuais, Mario de Andrade se posiciona como etnógrafo e defensor do mapeamento da cultura folclórica no molde da hegemonia paulista. Coloca em prática o aprendizado destas experiências quando cria o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), quando assume a Diretoria do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo em 1935, o Anteprojeto de Preservação do Patrimônio Artístico e Nacional e no seu olhar crítico sobre a arte produzida no eixo São Paulo-Rio.

Da extensa floresta amazônica ao great western, O Turista Aprendiz é a incorporação dos saberes, fazeres e falares na legítima academia através de um pesquisador prestigiado. A partir da catalogação desses patrimônios imateriais se ressignifica a herança cultural brasileira.

Com a proposta de embarcar na expedição do Turista Aprendiz, igualmente em quatro navegantes paulistas privilegiados, visamos explicitar através da catalogação a importância de capturar o tridimensional para resistir ao fim do mundo. Seja o fim do mundo a ruptura com a forma eurocêntrica de compreender, a vulnerabilidade frente ao capitalismo, as relações inter-regionais de poder, entre outros. Refletiremos a imaterialidade que compõe o mundo e quais as medidas não-convencionais de captura-la.

Ass: Fernanda Vaidergorn, Luisa Carrasco, Marina Schiesari e Victor Pacheco

14 de maio, 1927
Sonho
 Sonhei assim:
 Com muito cuidado, escrevi um discurso em tupi pra dizer a nossa saudação a todos, quando estivéssemos entre os índios. Encontramos uma tribo completa bem na foz do Madeira, não faltava nem escrivão nem juiz-de-paz pra eu me queixar se alguém bulisse com a Rainha do Café. Vi, recitei o meu discurso, que aliás era curto. Mas desde o princípio dele os índios principiam a se entreolhando e fazendo ar de riso. Percebi logo que era inútil e que eles estavam com uma vontade enorme de comer nós todos. Mas não era isso não: quando acabei o discurso, todos se puseram gritando pra mim:
 - "Tá errado! tá errado!"

10 de junho, 1927
Problema de borracha
 A gente pode lutar com a ignorância e vencê-la. Pode lutar com a cultura e ser ao menos compreendido, explicado por ela. Com os preconceitos dos semicultos não há esperança de vitória ou compreensão. Ignorância é pedra: quebra. Cultura é vácuo: aceita. Semicultura? Essa praga tem a consistência da borracha: cede mas depois torna a inchar.

26 de julho, 1927
 Me esqueci de contar. Aqui, vaticano é bonde, embarcam num seringal pra descer logo adiante nosso, e assim. Pouco depois de partidos de Porto Velho, na volta, vieram perguntar a dona Olivia se ela garantia mesmo pagar a passagem de Manaus, da mulher da terceira classe. O que é, o que não é? Quando foram pedir a passagem da velha, passageira nova da terceira, ela respondeu muito sossegada:
 - A Rainha do Café paga.
 Dona Olivia não sabia de nada, mas pagou, está claro.

8 de agosto, 1927
Peixe-boi
 O que valeu mesmo a pena foi ver o peixe-boi. Come erva com muita educação, sem fazer bulha nenhuma e só entreabrindo a boca. Se falasse, eu mandava ensinar italiano a ele, e o punha num restaurante obrigatório em São Paulo, pra ensinar aos meus patricios a comer. Infelizmente não fala não. O peixe-boi é uma baleia que só por destino deixou de crescer mais. Tem uma cara parecida com a do hipopótamo e traz os olhos sempre debaixo d'água, com pudor. As nadadeiras são de uma espécie de metal prateado, da família das platinas, e delas se extrai uma graxa boa pra curar doenças do fígado, congestões, mordeduras de mosquito e espinhela caída. Pra contusões é tiro e queda. O peixe-boi bota ovos ríseos que são chocados ao sol pela Municipalidade. Os filhotes saem munidos de asas pequeninas (que logo perdem) com as quais atingem as correntes do Amazonas e vão crescer no lago Lauricócha, até a idade de razão. Apreciamos muito o peixe-boi.

14 de dezembro, 1928
Great Western
 A dormida em Guarabira traz coração nas mãos. Às quatro horas inaugura a vida um canto passando. O trem torna a partir no horário e acorda a polvideira do Universo. Franquear: neste passo de estrada o pé é uma coisa real e deslumbrante. Um passageiro se queixa alto pro empregado. E este:
 - Ah... e quando chegar mais pra diante então, danou-se! Eu até já tenho uma olaria por dentro, é tijolo, telha, jarrol... Se poeira se exportasse, nordeste não tinha crise não! era São Paulo!

15 de dezembro, 1928
 Já afirmei que não sou folclorista. O folclore hoje é uma ciência, dizem... Me interesse pela ciência porém não tenho capacidade pra ser cientista. Minha intenção é fornecer documentação pra músico e não, passar vinte anos escrevendo três volumes sobre a expressão fisionômica do lugarito... Porém me sinto desgostoso... É triste a gente viver ao léu das informações, brincando da sua rua calçada, bonde lapa, escrevendo, trabalhando querendo ser útil, dando por pau e por pedras e a vaidade. Nem posso neste momento realizar a sensação completa deste Natal gostoso que amo como a minha mão direita...

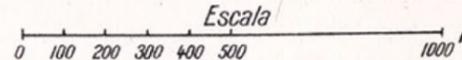
16 de dezembro, 1928
 Todas estas coisas são encantos, não tem dúvida, porém encantos um bocadinho egoísticos. Coisa pra viajar visitar e gostar, originalidade que tornam estas cidades exóticas até mesmo pra brasileiro. Natal não é assim não. O pitoresco dela é um encanto honesto, uma delícia familiar pra nós, um ar de chacara que a torna tão brasileira humana e quotidiana como nenhuma outra capital brasileira, das que comêço.
 Tirol altura onde moro hospedado pela ventania. Eh! ventos, ventos de Natal, me atravessando como seu fosse um véu. Sou véu. Não atravesso a paisagem, não tenho obrigações de ver coisas exóticas... Estou vivendo a vida de meu país...

18 de dezembro, 1928
 Escrevi crônicas. Sai durante o dia, jantei com A. Bento e às 19 com este, Cascudo e Adamastor58 fomos no Areal, bairro de embarcadigos, operários etc., construído sobre uma duna, assistir a um ensaio de Chegada58. Numa saleta alumada com querosene, dançaram e cantaram duas horas e meia. Estupendo. Dia aproveitadíssimo com isso.

13 de janeiro, 1929
 Passeio a cavalo pela manhã sem sol. Chupar cajus no mocambo, lugar agradável da propriedade... Durante o dia trabalho um bocadinho ainda com o rabquista Vilemão. De noite escuto dois cantadores pernambucanos numa casa de adobe, gente circuncislaútica77, sem gosto de terra, falando bem, bestas. De longe se escuta um zambê noutra casa de empregados. O som do bumbo "zambê" se escuta de longe. Vamos lá. O pessoal dança passos difíceis. O tambor bate soturno em ritmo estupendo. Estou no meu quarto e inda o zambê ruía no longe. Adormeci e ele ficará ruíndo. Pleno século XIX. Plena escravidão. O senhor de engenho. Gente humilhada na pobreza servil. E o samba. Minha comção é dramática e forte.

- CIDADES VISITADAS**
- 1- São Paulo
 - 2- Rio de Janeiro
 - 3- Salvador
 - 4- Maceió
 - 5- Recife, Igarauá, Jaboatão, Escada e Cabo
 - 6- Paraíba e Cabedelo
 - 7- Natal, São Gonçalo, Macaíba, São José de Mipibu, Papari, Arez, Goianinha e Canguaretama
 - 8- Fortaleza
 - 9- Belém
 - 10- Antônio Lemos e Gurupá
 - 11- Almeirim
 - 12- Monte Alegre
 - 13- Santarém e Alenquer
 - 14- Obidos
 - 15- Parintins
 - 16- Uruará
 - 17- Silves e Itacoatiara
 - 18- Manaus
 - 19- Manacapuru
 - 20- Codajás
 - 21- Coari
 - 22- Tefé
 - 23- Fonte Boa
 - 24- Tomantins
 - 25- Amaturá e São Paulo de Olivença
 - 26- Letícia, Tabatinga e Esperança
 - 27- Chimbote e San Pablo
 - 28- Iquitos e Nanay
 - 29- Borba
 - 30- Manicoré
 - 31- Humaitá
 - 32- Porto Velho
 - 33- Guajará-Mirim e Puerto Sucre
 - 34- Macau e Açu
 - 35- Carabhas, Gavião, Martins, Catolé do Rocha, Brejo do Cruz, Caicó, Jardim do Seridó, Parelhas, Acari e Currais Novos
 - 36- Alagoinha, Lagoa Grande, Borborema, Areia, Guarabira, Mamanguape, Duas Estradas, Caiçara
 - 37- Vitória

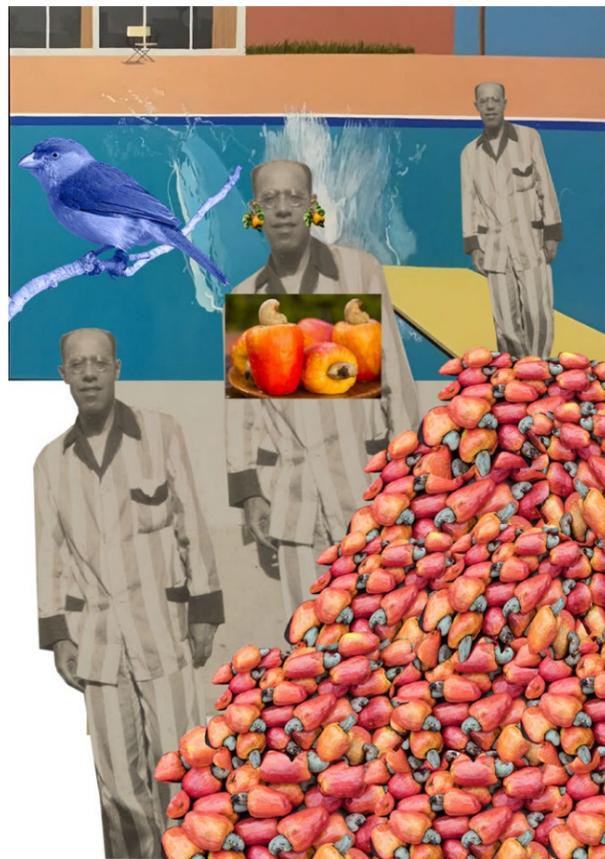
BRASIL POLITICO



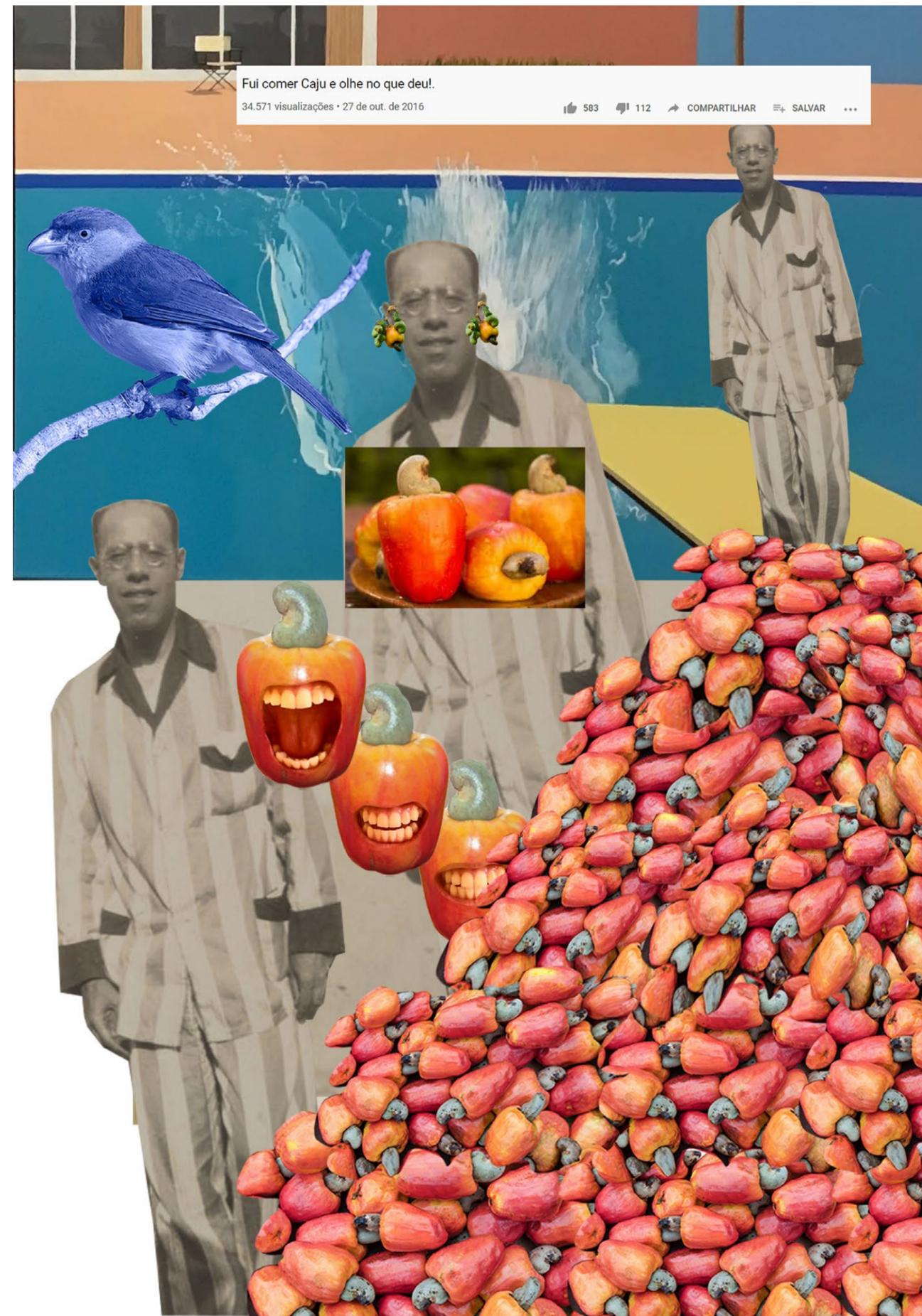
definição
 viagem,
 diário de bordo e
 relato íntimo,
 preservação
 de uma cultura,



método
colagem,
composição,
sobreposição
de percepções
diferentes,
vivência conjunta,
conversa através da
montagem



colagem 1
coletiva

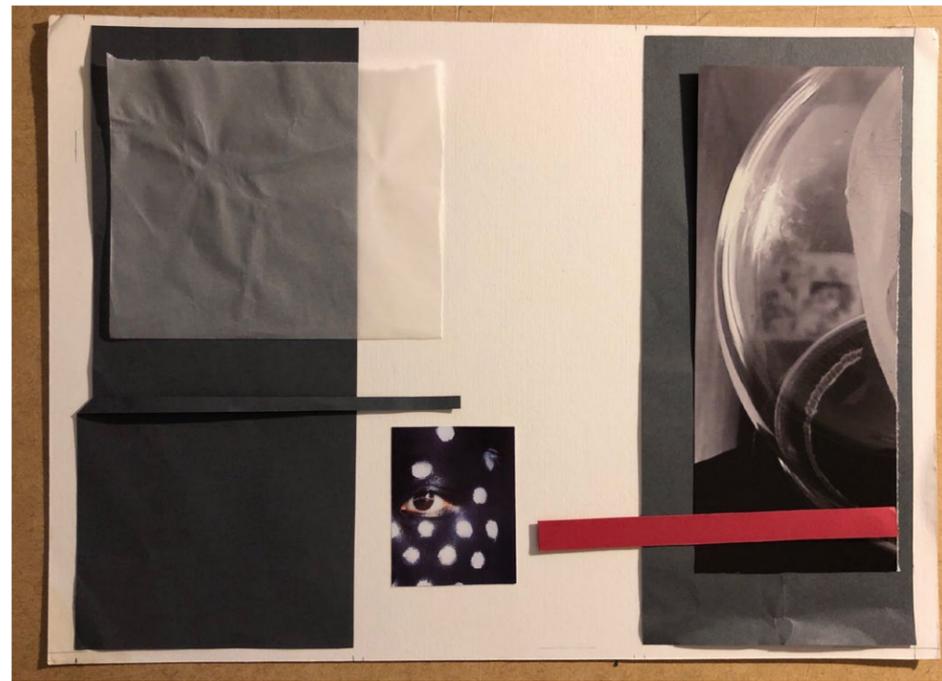


*Natal,
21 de dezembro, 16
horas*

*Como, ou se quiserem,
chupo cajus. Devoro
dunas e dunas de cajus.*

*....
Depois de comer duas
pela manhã..o dia
começa tão satisfeito
que nem um pitiguari
cantando. É a hora
em que esqueço as
saudades do sul, vindas
com o vagar da noite...
Até a hora clássica do
caju é no banho do rio
onde a nódoa não é
possível.*

**colagem 1
coletiva**



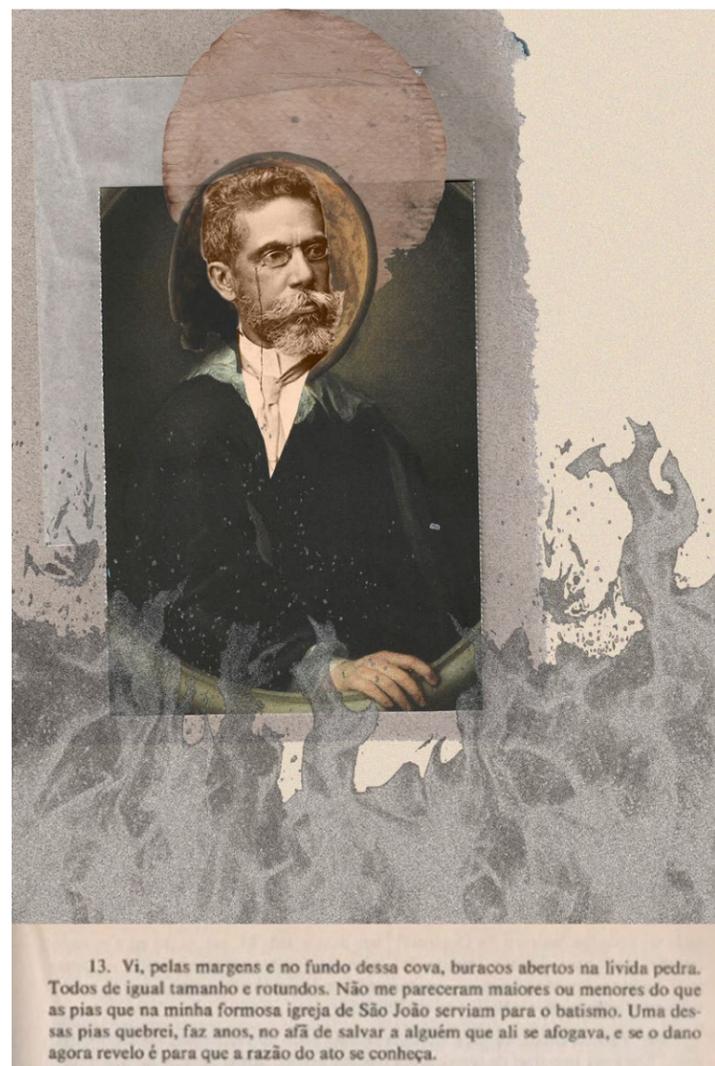
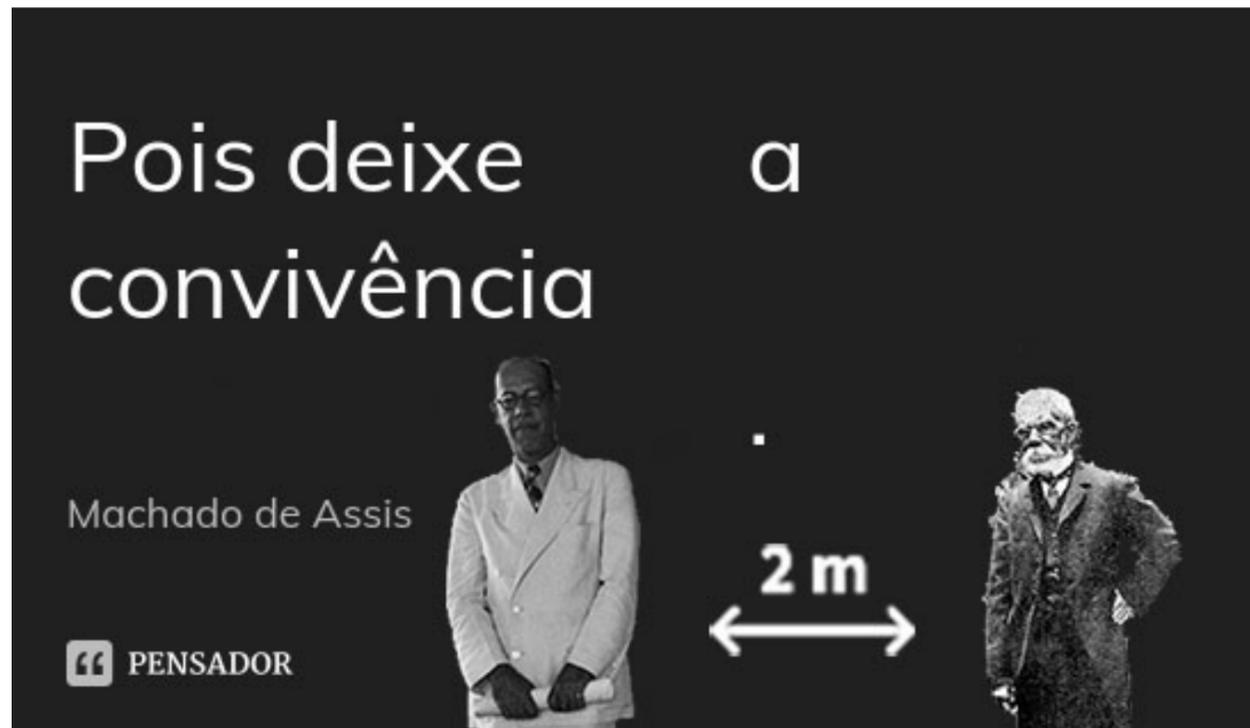
colagem 1 individual



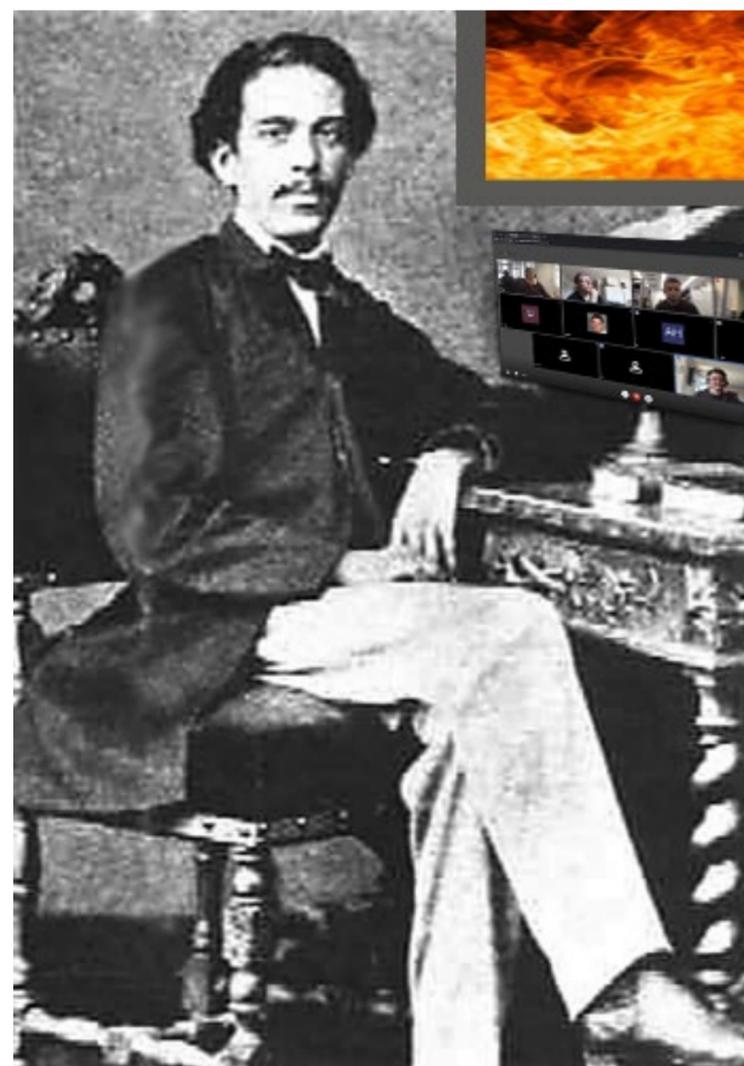
Agora vou fazendo algumas comunicações sobre a feitiçaria daqui.



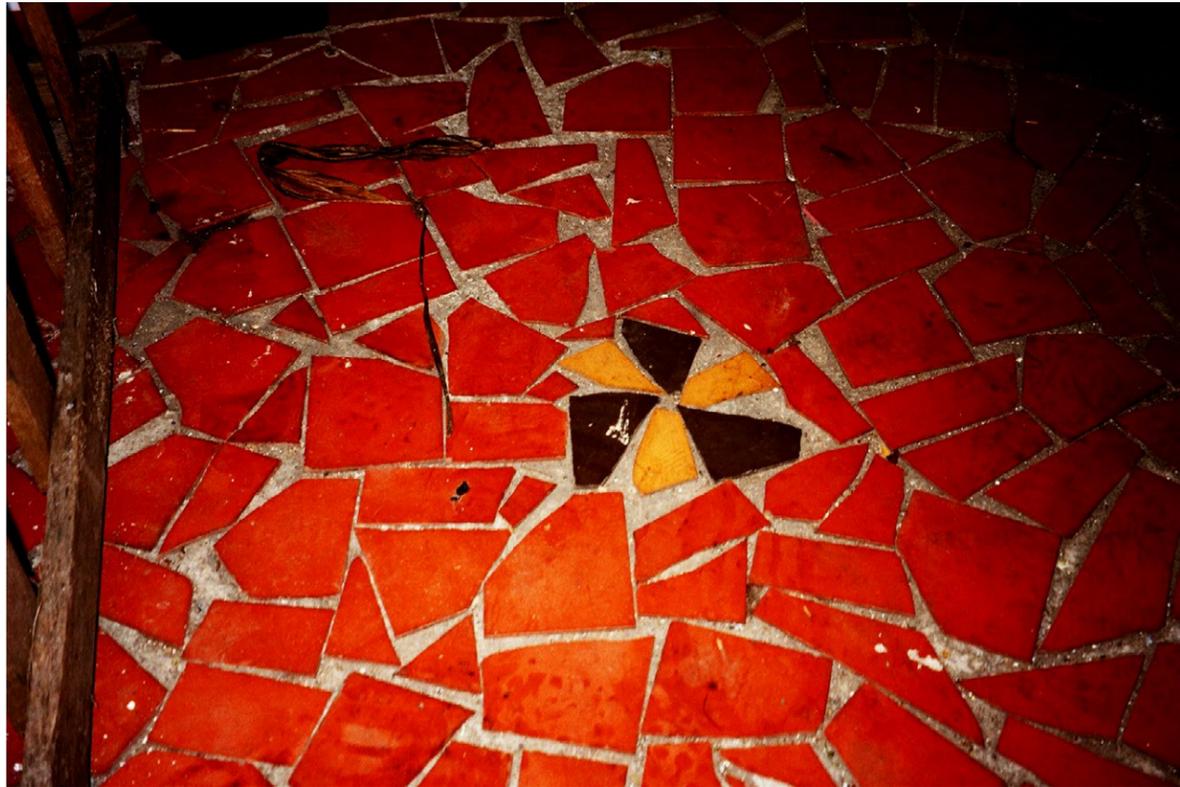
colagem 2
coletiva
individual



13. Vi, pelas margens e no fundo dessa cova, buracos abertos na livida pedra. Todos de igual tamanho e rotundos. Não me pareceram maiores ou menores do que as pias que na minha formosa igreja de São João serviam para o batismo. Uma dessas pias quebrei, faz anos, no afã de salvar a alguém que ali se afogava, e se o dano agora revelo é para que a razão do ato se conheça.



colagem 3
individual



colagem 3
coletiva



10 de maio

Sonho

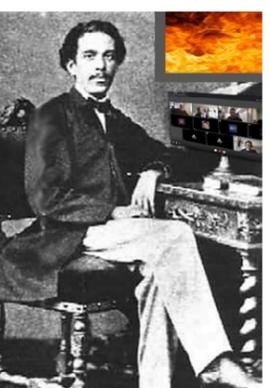
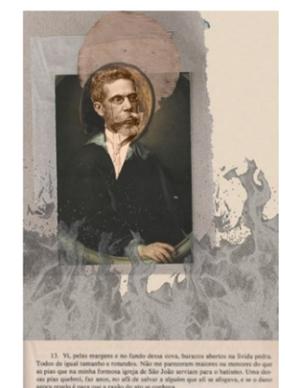
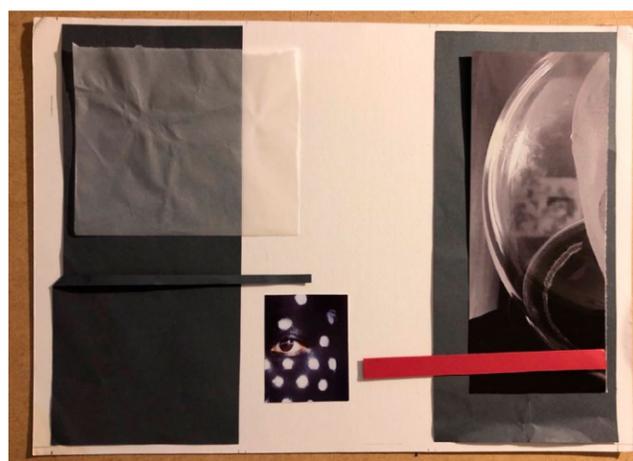
Esta noite Machado de Assis me apareceu em sonho, barba feita e contou que estava no inferno.

– Coitado...

Ele se riu mansinho e esclareceu:

– Mas estou no inferno de Dante, no lugar pra onde vão os poetas. O único sofrimento é a convivência.

colagem 3
coletiva



como guardar um mundo? de um viajante para outro

expansão do processo exaurir a viagem